

O conceito do *divertissement*: reflexões filosóficas sobre a antropologia de Blaise Pascal

The concept of divertissement: philosophical reflections on the anthropology of Blaise Pascal

Breno Silva Martins

Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (PUC/GO)

breno1686@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5153014249871464>

Resumo

O presente artigo pretende explicar o conceito de *divertissement* – divertimento - na filosofia de Blaise Pascal, para tanto, se faz necessário adentrar nos aspectos internos e externos da estrutura antropológica do homem. A pretensão do trabalho não é apontar soluções, mas constatar problemas sobre a natureza humana. É descrever a verdadeira condição do homem e de como esse mesmo homem foge de sua verdade por meio do *divertissement*. Nesse ano jubilar, onde comemora-se quatrocentos anos do nascimento de Blaise Pascal, torna-se sugestivo revisitar e rememorar o pensamento antropológico pascaliano, bem como evidenciar suas contribuições humanas, psicológicas, filosóficas e teológicas para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Pascal. Antropologia. *Divertissement*. Insuficiência.

Abstract

This article aims to explain the concept of *divertissement* – fun- in Blaise Pascal's philosophy, to this end, it is necessary to enter into the internal and external aspects of the anthropological structure of man. The pretension of work is not to point out solutions, but to see problems about human nature. It is to describe the true condition of man and how this same man flees from his truth through *divertissement*. In this Jubilee year, which commemorates the four-center anniversary of the birth of Blaise Pascal, it is suggestive to revisit and recall Pascal anthropological thought, as well as to highlight its human, psychological, philosophical and theological contributions to contemporaneity.



Keywords: Pascal. Anthropology. *Divertissement*. Inadequacy.

Introdução

Seria preciso talvez ser si mesmo tão profundo,
tão vulnerável, tão desmesurado,
quanto foi a consciência intelectual de um Pascal.

Nietzsche

O presente artigo pretende investigar o conceito do *divertissement*¹ na antropologia pascaliana, para isso, se faz necessário averiguar os aspectos internos e externos da estrutura humana a fim de melhor compreender a natureza *divertissement* e seu mecanismo na existência do homem. Blaise Pascal, matemático, físico e filósofo, nascido em Clermont- Ferrond França a 19 de junho de 1623. Desde cedo se mostrou um gênio precoce, tal fato que, aos dezesseis anos escreveu “o tratado sobre as crônicas”, aos dezenove anos inventou a calculadora, aos 23 anos se ocupou com a experiência do vácuo, com 29 anos fez pesquisas no campo da “geometria do acaso” resultando assim no chamado “triângulo de Pascal” e um dos últimos trabalhos científicos de Pascal é o “tratado sobre as potências numéricas” que abriu caminho para, mais tarde, Leibniz e Newton descobrirem o cálculo integral (CHAUÍ. Consultoria. Apud, PASCAL, 1979, p. 7).

Pascal, depois que sua irmã entrou para o convento, interessou-se por discussões teológicas e, aos 30 anos, uniu-se aos Jansenistas² começando seus escritos apologéticos: *Memorial; Colóquios com o Senhor Saci sobre Epicteto e Montaigne e as Províncias*. E por último, escreveu sua maior e mais famosa obra os “*Pensées*”³. Pascal, com a saúde muito fragilizada devido seus experimentos científicos, morre aos 39 anos em 1662⁴.

¹ Divertimento.

² O jansenismo é uma corrente religiosa católica herética criada por Jansenius bispo de Ypres-Bélgica com a obra Augustinus em 1640. Entre outras ideias afirma que: 1) o homem necessita da graça de Deus para toda obra boa e 2) o homem será livre para fazer o bem apenas se for permeado por uma graça eficaz concedida por Deus mediante os critérios da própria divindade. “o Jansenismo pode ser considerado, por um lado, como reação ao laxismo teórico e prático do séc. XVII e, por outro lado, como a exacerbação das controvérsias sobre a graça (Cf. JANSENIUS, 2016, p. 25-6).

³ “Pensamentos”. Essa obra foi escrita por Pascal em aforismos e só foi publicada depois da sua morte. Houve, assim, duas principais publicações e ordenações dos fragmentos surgindo as edições *Lafumá* e *Brunschvicg*. Neste trabalho se utilizará a edição de *Brunschvicg*, de modo que, as citações dos fragmentos dos “*Pensées*” virá precedido da sigla “Br” e o número do fragmento justamente para justificar isso, visto que os números dos fragmentos/aforismos se difere da edição *Lafumá*.

⁴ Para aprofundar na vida e obras de Pascal se indica ATTALI, 2003. E a biografia escrita pela a irmã de Pascal: GILBERTE, Pascal. Vida de Pascal. In: PASCAL, 1979.



A exposição pascaliana da realidade do homem, ou melhor, da sua verdadeira condição, é uma exposição contrária aos sistemas de pensamentos vigentes de seu tempo. É como se Pascal nadasse contra a correnteza, pois enquanto gritavam: “A razão do homem é suficiente!”, Pascal exclamava: “O coração conhece as coisas mais elevadas que a razão jamais alcançará!”, isto é, existe na antropologia humana uma insuficiência ontológica existencial que se deve notar.

É extremamente salutar ao mundo moderno e conseqüentemente ao contemporâneo que haja um contraponto onde se elabora um pessimismo sobre o homem ou se cria uma antropologia negativa, pois tais tempos *estão marcados e arraigados por uma visão antropológica que é demasiada suficiente e orgulhosa*, para não dizer pretenciosa. Num tempo onde o homem é visto com um estatuto ontológico suficiente, a proposta pessimista e trágica não seria uma maneira de equilíbrio a fim de o homem encontrar seu lugar no universo?

Longe de querer, neste artigo, apontar uma resposta para o problema do *divertissement*, (*isso acontecerá em artigos futuros*) parece antes conveniente constatá-lo, justificá-lo e compreendê-lo. A pesquisa tem como base especialmente os escritos de Pascal, comentadores e especialistas no pensamento pascaliano. O método é o hipotético dedutivo a partir da bibliografia levantada do autor em questão.

Neste ano jubilar, onde comemora-se quatrocentos anos do nascimento de Blaise Pascal, torna-se sugestivo visitar e rememorar o pensamento antropológico pascaliano, suas contribuições humanas, psicológicas e filosóficas para os dias atuais, pois como bem disse Pascal: “O estudo do homem [...] é o verdadeiro estudo” (PASCAL, 1979, p. 76). Espera-se sinceramente que o caro leitor encontre na filosofia pascaliana, através das páginas desse artigo, sua verdade miserável e insuficiente diante do mundo, dos homens e de Deus, e assim, o propósito de vida de Pascal sobre a natureza humana terá se cumprido, afinal o “homem [...] permanece em estado miserável; ele é incapaz de alcançar a verdade e a felicidade, abandonado às suas tendências perversas” (PONDÉ, 2001, p. 70).

As dimensões epistemológica e sociológica do homem paradoxal: a insuficiência humana do *divertissement*

Na principal obra, denominada “*Pensées*”⁵ Pascal se dedica em demonstrar, de maneira mais radical, a miséria do homem. Essa descrição, que está no segundo artigo da referida obra, se torna um campo minado de aforismos da desproporção da condição humana em relação à natureza.

⁵ “Pensamentos”.



Tamanha constatação, de tão grande desproporção, é tão evidente que se faz necessário buscar respostas do porquê dessa desproporção e também como está se concretiza na realidade humana e em suas dimensões antropológicas. Para melhor entender o problema proposto é mister completar a principal obra pascaliana com outro texto também de Pascal.

Em 24 de setembro de 1651, Pascal escreve uma carta, devido à morte de seu pai,⁶ para sua irmã mais velha Gilberte Périer. Nessa carta contém “todos os temas que ele desenvolverá mais tarde sobre o amor-próprio [...] e o desejo de dominar” (ATTALI, 2003, p. 124) e, de maneira muito especial, nela está contida, em uma nomenclatura hipotética, a “doutrina dos dois amores” que, como já mencionado, levanta uma hipótese explicativa e descritiva da condição humana no que condiz com a observação empírica da realidade da desproporção do homem com o universo. Sendo assim, a doutrina dos dois amores será a chave explicativa da insuficiência do homem e de sua desordem em relação à natureza.

No jardim do Éden, o homem tinha uma harmonia com a natureza, isso porque ocupava um lugar que era seu naturalmente. O estado natural do homem era que ele tinha sido criado por Deus com dois amores: um que se direcionava a Deus, que por sua vez era um amor infinito porque Deus é um ser infinito e para amá-lo essa capacidade também tinha que ser infinita; o outro amor se direcionava a si mesmo, em contrapartida, esse amor era finito, pois o homem é um ser finito (Cf. PASCAL, 1963, p. 267.). Nesse estágio, Pascal entendia o homem como um ser reconciliado⁷ e que se cabe na natureza, não é alheio a ela, pois, em seu estado natural, a alma do homem se relacionava com o seu criador e, de maneira ordenada, com as criaturas. Em outras palavras, não existia aí desproporção e sim harmonia.

Contudo, essa realidade ordenada não durou e o homem fez algo que causou um desastre, como relata o próprio Pascal: “Depois, chegando o pecado, o homem perdeu o primeiro de seus amores; e o amor por si mesmo ficou sozinho nesta grande alma capaz de um amor infinito, este amor próprio se estendeu e transbordou no vazio que o amor de Deus deixou; e assim o homem se ama unicamente, e todas as coisas para si, isto é, infinitamente.” (PASCAL. 1963. p. 267. Grifo

⁶ Tradução particular disponibilizada pelo Prof. Andrei Venturini Martins, doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Título original: Lettre A M. Et Mne Perier, A Clemont: A l' occasion de la mort de M. Pascal le Père.

⁷ O termo *RECONCILIADO* não significa, de forma alguma, qualquer relação de sentido com *SUFICIÊNCIA* na antropologia de Pascal, isto é, ontologicamente o homem é um ser insuficiente mesmo antes da queda adâmica. “[...] mesmo na assim chamada primeira natureza (pré-pecado adâmico), o Homem necessitava da graça de Deus para situar as coisas de modo justo[...] ser insuficiente não significa ser pecador, significa ser um ‘ser criatural’, cujo o *telos* é a ‘sobrenatureza’” (PONDÉ, Edusp. 2004. p. 26).



nosso). A este episódio Ricardo Mantovini⁸ faz um exímio comentário no qual vale um salutar esforço para transcrevê-lo, pois ele consegue ler e captar de maneira singular o fragmento pascaliano sobre os dois amores:

Adão, em um dado momento, quis igualar-se a seu criador e, contrariando a vontade do ser perfeitoíssimo, fez-se centro de si mesmo, ou seja, passou a amar-se *infinitamente*, devotando a si próprio um sentimento que, originalmente, era devido a Deus. [...] se no paraíso, o homem tinha direito a esperar uma eternidade de vida infinitamente feliz, após o *pecado* passaram a nos caber o sofrimento e a morte. (MANTOVINE, 2016, p. 42-3. Grifo do autor).

Percebe-se aqui a gênese do pessimismo⁹ de Pascal. A desproporção do homem em relação a natureza se dá por causa da desordem do amor humano que está voltado para si mesmo com um potencial infinito, ou seja, o amor que era destinado a Deus (um ser infinito) agora está apontado e direcionado para o homem (um ser finito).

Neste sentido, se encontra uma proposição lógica de incompatibilidade ontológica: é muitíssima capacidade de amar para pouquíssimo ser capaz de abarcar esse amor, isso gerou consequências graves na estrutura humana, e o que era graça tornou-se desgraça. Essa desgraça consiste justamente na realidade do amor humano que, antes da queda, era relacional e proporcional com Deus e com as outras criaturas e, depois da queda, passou a ser egoísta (amor-próprio) e desproporcional a sua verdadeira natureza (PASCAL, 1979, p. 64; Br. 100).

Eis que nasce o homem-paradoxal-insuficiente na antropologia pascaliana. Diante dessa realidade antropológica, o que deve o homem fazer de sua existência? Quais são as atitudes ou o parecer do homem depois do mito adâmico? Como suportar a ideia de já ter contemplado a presença de um ser perfeitoíssimo? Ou melhor, como suportar a ideia de já ter amado um ser infinitamente perfeito e agora não passar de um ser humano que ama somente a si mesmo e considera somente a si mesmo? (Cf. PASCAL. 1979, p. 64; Br. 100) Visando uma resposta a essas indagações, Pascal traz ao pensamento filosófico um conceito singular para sua antropologia que é o *divertissement*.

Pascal não só desenvolve esse conceito, mas tenta descobrir como esse dispositivo influencia nos dinamismos internos e externos do homem. Nos próximos parágrafos irá se ocupar

⁸ Licenciado, bacharel, mestre e doutorando pela Universidade de São Paulo. Atualmente é editor dos cadernos de ética e filosofia política da USP, integrante da equipe editorial da revista *redescrições* e membro de centro de estudos em filosofia americana.

⁹ Ou, dependendo do ponto de vista, o realismo de Pascal, pois ele: “Deseja mostrar como a Queda – de cuja realidade histórica não duvida, ocorrida logo após a criação do mundo, ou seja, três mil anos antes de Jesus Cristo – enfraqueceu o homem e impediu-o de ter esperança de felicidade aqui na Terra”. (ATTALI. 2003, p. 244).



de conceituar, em primeira instância, o *divertissement* e depois de relacioná-lo com os dinamismos antropológicos¹⁰.

O termo em francês *divertissement* é traduzido para português como divertimento, diversão ou desviar. Assim, o *divertissement* é uma fuga de si mesmo por meio de coisas exteriores e ilusões humanas, é uma ala ou válvula de escape para não pensar em sua verdadeira natureza e de constatar sua atual realidade miserável, como diz Pascal: “Não tendo conseguido curar a morte, a miséria, a ignorância, os homens lembraram-se, para ser felizes, de não pensar nisso tudo” (PASCAL. 1979, p. 79; Br. 168). Os homens buscam a diversão nas coisas exteriores e também no interior de si, em suas faculdades internas, sendo artífices de si mesmos. É para não pensar que os homens fogem do repouso e buscam a agitação.

Contudo, o sentido próprio do termo pascaliano (*divertissement*) não é preenchido completamente pela tradução limitada do português. Há outro termo semelhante ao sentido do termo *divertissement*, utilizado também por pascal, que é *ennui*. *Ennui* é traduzido por: “uma forte conotação de angústia existencial”, “impossibilidade de sair de tal estado” ou “uma espécie de patologia espiritual” (PONDÉ, 2001, p. 7). Assim, é importante para o entendimento da antropologia pascaliana entender *ennui* como constituinte de sentido para *divertissement*¹¹, ou complemento dele, visto que esses dois termos se cruzam em sentido.

Pascal demonstra a veracidade de suas proposições teóricas sobre a conduta do homem se valendo de argumentos reais, tanto por parte de seu dinamismo interno, como por parte de seu dinamismo externo. A queda do homem de sua primeira condição (Cf. PASCAL. 1979, p. 133) o afetou em todo o seu aspecto existencial, por esse motivo, se tem duas principais subdivisões da existência antropológica do homem que culminam, ou melhor, que se implicam em uma busca incessante do *divertissement*: Aspectos internos antropológicos que apontam para o *divertissement* (3.1) e aspectos externos antropológicos que efetivam o *divertissement* (3.2). Tais aspectos tecem o *divertissement* a responder a felicidade ao repouso e a morte (3.3).

Aspectos internos antropológicos que apontam para o *divertissement*

¹⁰ Está ligado às capacidades constituintes do homem: episteme; psique; social e espiritual.

¹¹ No trabalho, utilizar-se-á o termo original (*divertissement*). Essa é uma precaução tomada por quase todos os estudiosos de Pascal, para que não se confunda os sentidos das palavras. Sendo assim, é de suma importância que se tenha em mente também o sentido de *ennui*, de modo que, toda vez que aparecer o termo *divertissement* não se trata de um entretenimento sadio e feliz, mas de uma gama de sentido que se condensa em: desviar-angústia existencial-patologia espiritual-fuga. Cf. PONDÉ. 2001, p. 7.



Pascal cria uma epistemologia em sua filosofia para justificar e embasar sua antropologia no que diz respeito às ações do homem.¹² Há no homem duas disposições de espírito, ou modos de conhecer: o espírito geométrico e o espírito de finura. Antes de discorrer sobre os “espíritos da alma” é importante ressaltar que Pascal recusa a possibilidade de o homem alcançar por si mesmo a verdade ou mesmo o ser das coisas. Segundo o filósofo, o homem só tem capacidade de chegar em uma relação de nome e a coisa em uma perspectiva convencional¹³, pois se perguntarem o que é o tempo se sabe o que é, mas se pedirem para explicá-lo já não se sabe (PASCAL. 2006. p. 21-2/AGOSTINHO., 2002, p. 268). Tal projeto epistemológico, como já se sabe, está embasado em uma antropologia de um homem insuficiente devido à explicação hipotética teológica pascaliana.

Voltando aos “espíritos da alma”, no primeiro espírito (o geométrico), como o próprio nome já faz menção, trata-se de um conhecimento demonstrativo com princípios palpáveis. Esse espírito maneja os princípios para, em seguida, empregar o raciocínio, de modo que age progressivamente como se fosse inferir a uma proposição matemática. Esses conhecimentos geométricos são difíceis de ser inferidos, mas uma vez apreendido não se pode mais escapar (PASCAL. 1979. p. 37; Br. 1). Por exemplo. Na operação matemática $2+1=3$. Nela se tem três princípios: o número dois (2); o sinal matemático de adição (+); e o número um (1). Diante desses três princípios se infere o conhecimento geométrico estritamente ligado ao raciocínio, que é, especificamente, o número três (3). Esse espírito é a típica definição de conhecimento na modernidade ligada aos movimentos humanistas.

O segundo espírito, o de finura, encontra-se mais voltado às sutilezas, aos princípios primeiros das coisas, são numerosas e fáceis de captá-las, mas também quase impossível que não se escape. Esse conhecimento não se pode demonstrar na ordem da geometria, pois tais sutilezas são

¹² É de suma importância ressaltar que se faz referência à epistemologia pascaliana para *fundamentar e entender o dinamismo do divertissement* nos aspectos internos do homem. O objetivo desse tópico não é fazer uma análise profunda da teoria de conhecimento pascaliana, mas esboçar *somente aquilo que toca o tema do trabalho*. Para se aprofundar na epistemologia de Pascal se indica: (PONDÉ, 2004).

¹³ O modo de conhecer humano, no pensamento pascaliano, é fundamentalmente contingente, isto é, Pascal se apropria da linguagem por meio da retórica para estabelecer uma referência explícita pela definição do nome das coisas e não das coisas em si. O que é totalmente diferente do modo de pensar dos modernos em geral, pois, como se vê em Descartes, a tendência é sempre eliminar as contingências, por meio do método, para chegar a um conhecimento estritamente necessário, isto é, conhecer a verdade das coisas em si, captar as ideias claras e distintas. Percebe-se neste último aspecto que se tem o homem, em certa medida, como suficiente, algo contrário ao pensamento de Pascal. O fato de o conhecimento na perspectiva pascaliana não ter um caráter necessário, mas contingente, não inviabiliza o discurso e nem as argumentações lógicas, pois embora o homem não seja mais capaz de apreender o bem e a verdade ele é capaz do bem e da verdade não por ele mesmo, mas por meio de outrem. Essa nota é importante para distinguir Pascal de um cético ocidental e legitimar seu discurso mesmo tendo um aspecto convencional, pois é apenas isso que se tem o homem. (Cf. PASCAL, 2006, p. 26. e PONDÉ, 2001, p. 162).



captadas por sentidos delicados (sentimentos). Em Pascal, o sentimento¹⁴ é capaz de captar os princípios primeiros das coisas (PASCAL. 1979, p. 38; Br. 1)¹⁵ e, por serem simples e sutis, são indemonstráveis à razão geométrica, esse espírito de finura está ligado ao conhecimento do coração (PASCAL. 1979, p. 38; Br. 1).

É justamente do interior da epistemologia de Pascal que brota sua mais famosa e célebre frase: “O coração tem suas razões, que a própria razão não conhece” (PASCAL. 1979, p. 107; Br. 282). O presente fragmento é extremamente caro ao filósofo, pois indica a superioridade do coração em detrimento da razão. Isso porque o dom da fé pertence ao espírito de finura, isto é, ao conhecimento do coração.

Pascal percebe que há duas formas de conhecer antagônicas, mesmo entendendo a supremacia do coração sobre a razão estas suas são cooperativas entre si. A cooperação não anula suas posições antagônicas a ponto de Pascal dizer: “é tão inútil e ridículo que a razão peça ao coração provas dos seus princípios primeiros, para concordar com eles, quanto seria ridículo que o coração pedisse à razão um sentimento de todas as suas proposições que ela demonstra, para recebê-los” (PASCAL. 1979. p. 108; Br. 282). Em outras palavras, são de naturezas completamente distintas uma da outra e por isso devem ser entendidas como faculdades diferentes no interior do homem.

Ao mesmo tempo em que elas são distintas entre si, como já se sabe, elas também cooperam entre si. Na visão de Pascal, o homem só pode chegar aos conhecimentos geométricos (raciocínios lógicos) por meio dos conhecimentos ou da apreensão dos princípios primeiros que são dados, como já mencionados, pelo espírito de finura (coração).

Todo o nosso raciocínio reduz-se a ceder ao sentimento [...]. A razão se oferece, mas é flexível em todos os sentidos. Conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão com raciocínios, que deles não participa [...]. E sobre esses conhecimentos do coração e do instinto é que a razão deve apoiar-se e basear todo o seu discurso (PASCAL. 1979. p. 108; Br. 282).

Isso quer dizer que o fundamento da epistemologia pascaliana é o coração que apreende através da sensibilidade (sentimento) capta os princípios das coisas e fundamenta os raciocínios

¹⁴ Embora aconteça que sentimento e sensação parecem ter o mesmo significado em alguns autores, em Pascal definitivamente isso não ocorre. O sentimento é sinônimo de intuição no pensamento pascaliano, já a sensação está ligada aos cinco sentidos. Sendo assim, o sentimento está na alma, no espírito que entra em contato com as coisas que a luz natural nos dá. Isso não depende do corpo em absoluto. (Professor Ricardo MANTOVINE).

¹⁵ Conferir também em: (ABAGNANO, 1992, p.133).



lógicos. De maneira clara: todo o conhecimento humano tem como base e sustentáculo o coração (PASCAL. 1979. p. 58; Br. 82).

Em concomitância, para a cooperação da razão e do coração são necessárias duas faculdades mediadoras chamadas: memória e imaginação. A memória e a imaginação se integram e se correlacionam e juntas levam o conhecimento apreendido pelo espírito de finura para o espírito geométrico, para que este possa fundamentar seus raciocínios lógicos e concretos. Só que, nesse processo de conhecimento, a imaginação pode enganar o homem no que diz respeito aos princípios primeiros.

Isso acontece justamente porque o homem é um ser paradoxal-insuficiente-deslocado, ou seja, tinha uma primeira natureza e por causa da queda, a perdeu; tinha a capacidade de amar infinitamente, mas essa capacidade está voltada às coisas finitas; foi criado para a vida, mas a partir de um instante se depara com a morte. Diante disso tudo, a imaginação cria dispositivos para voltar a essa primeira natureza, mesmo estando em outra inferior.

A imaginação opera nas imagens guardadas na memória e as absolutiza, fazendo que o homem as tome como um “pseudo-princípio primeiro”, enganando-se e se opondo à razão. A imaginação toma os princípios dados pelo espírito de finura, que capta os princípios de um ser miserável, limitado e insuficiente, (ou seja, de um homem decaído de sua natureza primeira), e as transforma em princípios de um ser ilimitado e grande (ao seja, de um homem com uma suposta primeira natureza). Desse modo, os raciocínios lógicos, geométricos e concretos são errôneos. Na medida em que essa faculdade enganadora impede o pleno funcionamento da razão, também impede a tomada de consciência do homem sobre sua própria natureza. E esse homem é impedido de pensar sobre si, e conseqüentemente, é induzido pela imaginação a cultivar somente aparências, (Cf. PASCAL. 1979, p. 62; Br. 84), isto é, mentiras.

A imaginação, segundo Pascal, é culpada por induzir o homem à falsidade e a cultivar somente aparências. Assim, o homem tenta assegurar tudo aquilo que é necessário à conservação ilusória da vida, em outras palavras, o homem guiado pela imaginação foge da verdade sobre si mesmo, sobre seu estado de miséria e se utiliza do *divertissement*, isto é, das aparências criadas pela imaginação, como ocupação para o não pensar sobre sua verdadeira natureza. O *divertissement*, deste modo, é uma maneira pela qual o homem busca a felicidade, tendendo, assim fugir da sua angústia existencial, e ao tentar mascarar sua miséria, cria, por meio da imaginação, uma vida ilusória (PASCAL. 1979, p. 132; Br. 392).



A epistemologia pascaliana aponta para o *divertissement* na medida em que ela dá subsídios para um desviar-se da verdadeira condição insuficiente, e não só, mas também quando ela fornece dados imagéticos para o homem ser artífice de “si mesmo”, isto é, na fábrica da imaginação o homem constrói para si o seu próprio eu. A esse respeito diz Felipe Pondé:

[...] o homem prefere buscar insistentemente esse ser construído no campo da gratuidade da imaginação, mas que tem pelo mesmos a precária consistência dada pelos valores imaginários- que são a base dos sociais-, a manter-se no eixo do seu verdadeiro se, cujas figuras de materialidade [é] *ennui*¹⁶ (PONDÉ. 2001, p. 230).

O que parece ao homem é que o *divertissement* traz uma espécie de consolo diante das suas misérias, traz alegria na tristeza, traz uma satisfação na insatisfação. Contudo, para Pascal, o *divertissement* é a maior de todas as misérias (Cf. PASCAL. 1979, p. 80; Br. 171) do homem porque não passa de mentira e de falsos consolos. Para entender como se dá esse equívoco no homem vale entrar em suas realidades externas.

Aspectos externos antropológicos que efetivam o *divertissement*

Na antropologia pascaliana, os dramas e as insuficiências dos aspectos internos causam no agir do homem consequências catastróficas. Tal proposição já se viu anteriormente, mas aqui se verá mais a fundo. Para se abrir essa problemática, é benéfico investigar o presente fragmento:

Não nos contentamos com a vida que temos em nós e no nosso próprio ser: queremos viver na idéia dos outros uma *vida imaginária*, e, para isso, esforçamo-nos por fingir. Trabalhamos incessantemente para embelezar e conservar nosso ser imaginário e *negligenciamos o verdadeiro* [...]. Somos tão presunçosos que desejaríamos ser conhecidos por toda terra, e até pelas pessoas que vivem quando nela não estivermos mais, e somos tão vãos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos cercam nos diverte e nos contenta (PASCAL. 1979. p. 77; Br. 147. Grifo nosso).

A imaginação, depois de totalizar os princípios primeiros da memória, dá ao espírito geométrico informações errôneas a ponto de este criar modos de agir e necessidades que julga importantes. No fragmento acima, Pascal faz referência a um ser imaginário, isto é, um ser que o homem constrói para si mesmo e que não condiz com o seu “verdadeiro ser¹⁷”, com aquilo que ele é de fato. Isso ocorre em uma intensidade fortíssima a ponto de negligenciar o seu verdadeiro ser.

¹⁶ Ou seja, contém uma angústia existencial.

¹⁷ O fato de Pascal diagnosticar, por meio de argumentos dos cétricos ocidentais, a impossibilidade do homem conhecer o verdadeiro das coisas, não faz de Pascal um cétrico. Ao contrário dos cétricos, Pascal não crê que o homem seja



O homem tem necessidade de ser visto e ter honra em face aos seus semelhantes. Esse é o mal do amor-próprio que se concretiza no *divertissement*, isto é, na diversão de buscar sempre ser algo frente às outras pessoas, a diversão de querer ser sempre notado por onde for, o homem se engrandece com essas distrações.

Um exemplo. Pense em um bairro nobre de uma cidade onde há verdadeiros casarões. Agora se pergunte: Por que um homem tem uma mansão? Isto é, uma casa extremamente grande onde geralmente moram três pessoas apenas? O homem constrói uma mansão, não para suprir a necessidade física dele de se abrigar, mas para suprir sua necessidade de *divertissement* de se esconder de sua miséria, fazendo com que as pessoas de fora o veem e o notem, não só ele, mas sua grande e luxuosa mansão.

O homem que utiliza do *divertissement* para suprir uma necessidade de estima, (Cf. PONDÉ. 2001. p. 226) causada pelo amor infinito voltado para si mesmo, como enfatiza Pascal: “A natureza desse amor-próprio e desse eu humano é não amar senão a si e não considerar senão a si [...]. Não poderá impedir que esse objeto que ama esteja cheio de defeitos e misérias: quer ser feliz e acha-se miserável; quer ser objeto do amor e da estima dos homens, e vê que seus defeitos só merecem deles aversão e desprezo” (PASCAL. 1979, p. 64; Br. 100).

Desde criança, os homens incubem uns aos outros de tarefas e afazeres e de aprender coisas e de fazer coisas e de criar várias outras formas de agitações humanas das mais sofisticadas possíveis, para eles sempre terem uma agitação, uma diversão. Tudo isso porque “é impossível ao homem permanecer em repouso: ele meditaria, nesse caso, sobre a infelicidade de sua condição e a morte que o espreita- e esse pensamento é tão insuportável que lhe é necessário fugir-lhe e lançar-se [...] à guerra, ao amor... todo divertimento é preferível ao repouso” (LEBRUM, 1983, p. 15). É justamente por isso que o homem não consegue ficar em seu quarto sem “fazer nada”, sem nenhuma atividade, pois assim ele pensaria sobre si mesmo, isso é terrível ao homem: se perceber miserável e insuficiente.

O viver mergulhado no mecanismo *divertissement* é viver uma mentira sobre si mesmo. É isso que o cientista denuncia: a mentira e a hipocrisia de nunca viver a verdade sobre si mesmo, uma verdade real concretizada no tempo presente. Assim como Pascal constatou as misérias humanas no *divertissement* olhando para a realidade presente (observação empírica), os homens também podem fazê-lo. Isso se forem capazes de olharem e viverem o presente, a realidade atual

naturalmente incapaz do bem e da verdade, pois essas se encontram em Deus por meio do Cristo Mediador. (Cf. MANTOVINE, 2016, p. 38.) Se falará sobre isso no próximo capítulo.



que os cercam, sem fugirem da verdade. Diante disso, Pascal escreve um dos mais belos fragmentos sobre a fuga do agora, do presente como existente real e verdadeiro¹⁸:

Não ficamos nunca no tempo presente. Antecipamos o futuro, por chegar demasiado lentamente, como para apressar-lhe o curso; recordamos o passado, para detê-lo, por demasiado rápido: tão imprudentes que erramos nos tempos que não são nossos e nós não pensamos no único que nos pertence; e tão vãos que sonhamos com os que já não existem e evitamos sem reflexão o único que subsiste. É que o presente de ordinário nos fere. Ocultamo-lo à vista, porque nos aflige; e, se nos é agradável, lamentamos vê-lo escapar. Tratamos de sustentá-lo pelo futuro, pensamos em dispor das coisas que não estão ao nosso alcance para um tempo que não temos nenhuma certeza de alcançar (PASCAL. 1979, p. 80; Br. 172).

O objetivo do filósofo é justamente provocar e questionar seus leitores pirrônicos¹⁹ sobre o tempo vivido no agora, no real, sobre sua maneira de ver e enxergar verdadeiramente o momento presente. Na visão pascaliana o homem não se preocupa com o agora, com o hoje, mas extrapola o tempo querendo viver algo que ainda não lhe pertence. Para o gênio francês, quando se pensa no presente, ou é lamentando o passado, ou visando o futuro. O presente nunca é fim do homem, o passado e o presente para o homem são meios. O fim para o homem é sempre e inevitavelmente o futuro. Sendo assim, “nunca vivemos, mas esperamos viver” (PASCAL. 1979, p. 80; Br. 172).

Existe, nesse aspecto temporal, uma relação ontológica interessantíssima no pensamento pascaliano. O *divertissement* é uma fuga do ser quem realmente é, seja ele com toda a sua realidade miserável e insuficiente; é buscar, ou se iludir tentando buscar, o vir-a-ser que nunca se é, mas que se deseja sempre ser, que repudia a miséria e se percebe suficiente. É o homem mergulhado no dinamismo do *divertissement* que busca ser, mas nunca é, e espera viver, mas nunca vive. Por isso, o homem é apenas mentira, contrariedade e duplicidade que se esconde e se disfarça de si mesmo, isto é: pura ilusão (Cf. PASCAL. 1979, p. 129; Br. 377).

¹⁸ Aqui se encontra um dos mais belos discursos sobre a existência humana, reconhecido por muitos filósofos franceses e também de outras partes do mundo. Talvez fosse nesse aspecto existencial de não fugir das misérias que fez o filósofo do Martelo, *Friedrich Wilhelm Nietzsche*, elogiar e reconhecer Pascal em sua obra “*Além do bem e do mal*” especificamente no fragmento 45. No que diz respeito à relação entre esses dois filósofos escreve Thiago Calçado: “a figura trágica de Pascal exerceu um fascínio em Nietzsche [...]. A admiração de Nietzsche por Pascal supera a distância estabelecida pela influência religiosa no filósofo francês. A fidelidade de si de Pascal encontra conotação em Nietzsche. O francês soube ser grande e imenso em sua intelectualidade, mesmo sofrendo, na opinião de Nietzsche, o lento assassinato da razão por parte do cristianismo. Pascal [...] está em vantagem em relação a outros filósofos (como Kant e Schopenhauer), porque [...] Pascal assume o trágico em sua existência e filosofia”. (CALÇADO, 2012, p. 27-8). “Para adivinhar, por exemplo, e estabelecer qual foi a história do problema da ciência e da consciência na alma do *homines religiosi* (homens religiosos), seria preciso talvez ser si mesmo tão profundo, tão vulnerável, tão desmesurado, quanto foi a consciência intelectual de um Pascal”. (NIETZSCHE, 2013, p. 74; §45).

¹⁹ Aqueles que estão em dúvida permanente; céticos.



O *divertissement* é uma expressão clara e real da insuficiência humana, visto que, em Pascal, trata-se de uma realidade imprescindível da existência do homem e não de eventos existencialmente contingentes. O homem não está insuficiente, ele é insuficiente, como bem se pode observar “em Adão recém-saído das mãos de Deus, [...] fora criado ‘*sem qualquer concupiscência*’[...] ele era levado por sua constituição em direção a um fim sobrenatural, Deus em si. Se a natureza humana requeria a sobrenatureza, isso não significa que ela pudesse por si só se elevar até lá” (PONDÉ. 2001, p. 54-5). Em outras palavras, mesmo antes da queda, o homem era dependente de seu criador e necessitava dele de alguma forma. O pecado original apenas agravou, ou deu um novo caráter a esse estado de insuficiência (Cf. PONDÉ. 2001, p. 54-5), e por isso o ser humano utiliza do mecanismo do *divertissement*. É o mais alto grau da insuficiência humana, um conceito universal que abrange as ocupações dos homens e os faz mendigar qualquer atividade (Cf. VENTURINI, 2011, p. 162) para pensarem que são felizes, mas “leva-nos insensivelmente à morte” (PASCAL. 1979, p. 80; Br. 171).

O *divertissement* como resposta à procura da felicidade, à busca de repouso e ao horror da morte

O homem se apropria do *divertissement* como uma tentativa de suprir o vazio infinito deixado pelo ser infinito depois da queda adâmica e como “uma fuga diante da visão lúcida e consciente da miséria humana.” (REALE, 1990, p. 621). Destacam-se, na existência do homem, três aspectos que se correlacionam entre si e, ao mesmo tempo, clamam por dar respostas ao drama da vida do homem. São eles: a procura da felicidade; a busca do repouso e o horror da morte. Estabelecer-se-á aqui uma análise sobre esses aspectos existenciais antropológicos, tendo em mente todas as reflexões feitas até o presente momento sobre o *divertissement*.

“Todos os homens procuram ser felizes; não há exceção. Por diferentes que sejam os meios que os empregam, tendem todos a esse fim” (PASCAL. 1979, p. 136; Br. 425). É justamente por isso que Pascal se preocupa e se ocupa do tema da felicidade na vida do homem, porque é algo universal no homem do qual ninguém se ausenta: a procura da felicidade.

Ao usar nos seus escritos o termo felicidade, ele usa propriamente o termo francês *felicité*. O termo *felicité*, no século XVII com o jansenismo e com a espiritualidade salesiana, era utilizado com um forte sentido de beatitude, isto é, o termo *felicité* visava uma realidade espiritual (Cf. PONDÉ. 2001, p. 226). Assim, é legítimo afirmar e distinguir que a felicidade como beatitude, por



se direcionar a uma realidade superior/sobrenatural, é mais importante do que a felicidade²⁰ corporal ou sensitiva, pois a primeira é mais nobre do que a segunda.

A distinção entre felicidade como beatitude e felicidade sensitiva implica necessariamente em se interrogar do porquê desses dois “modos de felicidade” no homem. Novamente se voltará à explicação hipotética teológica²¹, pois a via natural, segundo Pascal não consegue resolver tamanha aporia antropológica interna.

O homem, tendo vindo de uma natureza primeira, anseia ontologicamente por uma felicidade como beatitude em sua existência. Contudo, ele não sabe o caminho e se vê em uma busca “eterna” da felicidade sensitiva que, segundo Pascal, é contingente e efêmera. É justamente por isso que um grande rei que possui todos os bens possíveis ainda precisa e sempre precisará de um “bobo da corte”²² para alegrá-lo, pois essa felicidade das coisas naturais não é duradoura.

Assim, o homem se encontra nesse dilema: anseia por uma felicidade como beatitude, mas busca a felicidade sensitiva. Sempre haverá desgosto no homem por isso, sempre haverá insatisfação no homem por isso. O homem adota o *divertissement* para, justamente, tentar mudar essa realidade imutável, ou seja, faz o homem mentir para si mesmo, faz o homem acreditar que essas felicidades sensitivas serão absolutas e nunca acabarão. Só que isso não passa de uma mera fantasia.

Outro aspecto que se relaciona com a felicidade como beatitude é o repouso. Para Pascal, o repouso²³ é a felicidade como beatitude do homem (Cf. PASCAL. 1979, p. 137; Br. 425). Mas no interior do homem existe uma desordem na imaginação, como já mencionado, de forma que nele há uma confusão interna no qual o faz procurar o repouso pela agitação. Assim, o homem busca sinceramente e com todas as suas forças o repouso, mas na verdade está se afastando dele com as agitações exteriores por meio do mecanismo do *divertissement* (PASCAL. 1979, p. 137; Br. 425).

O horror da morte também é uma maneira pela qual o homem acolhe, ou constrói o *divertissement* em sua existência. Na ocasião da morte de seu pai, Pascal fala um pouco sobre isso: “O horror da morte era natural em Adão inocente, porque sua vida era agradável a Deus, devia ser

²⁰Que a partir daqui se chamará felicidade sensitiva.

²¹Relembrar algumas observações feitas anteriormente é salutar. Por isso é importante ressaltar que quando se estabelece um diálogo com Pascal sempre se esbarará em dimensões teológicas, pois para ele o homem é sobrenatural e qualquer discussão de problemas antropológicos se abandonará em alguma medida as fronteiras naturais. (Cf. PONDÉ, 2004).

²²Palhaço

²³Como mencionado acima, a felicidade como beatitude se vincula às realidades espirituais e é neste sentido que se trata aqui o repouso, isto é, como uma realidade espiritual: “Portanto, enquanto está de pé a promessa de entrar no *repouso* de Deus [...] Pois aquele que entrou no *repouso* de Deus *repousou* em suas obras, como Deus *repousou* das suas. [...] Esforcemo-nos, portanto, por entrar nesse *repouso*”. Hb 4. Grifo nosso



agradável ao homem” (PASCAL. 1963, p. 268). Agora, depois da queda, o homem deixa de ser inocente, mas o horror da morte ainda continua, isto é, o amor pela vida que o Adão inocente tinha por ser uma vida agradável a Deus, o homem caído também tem (Cf. PASCAL. 1963, p. 268).

Diante dessa realidade, o homem se ocupa com qualquer atividade para se distrair da verdade irremediável por que todo homem passará um dia: a experiência da morte. “É nestas condições que o divertimento atinge seu objetivo: impedir que o homem pense na morte” (ATTALI. 2003, p. 263). É ir para a morte tentando não a ver na frente, assim o homem pensa que é menos dolorido para sua existência, como expressa Pascal: “Corremos sem temor para o precipício depois de pormos diante de nós alguma coisa que nos impeça enxergá-lo” (PASCAL, Apud, ATTALI. 2003, p. 263).²⁴

O *divertissement* é sempre um fracasso do homem de achar uma resposta coerente e que o integre e o complete em seu interior. O movimento de fuga é nada mais e nada menos do que uma tentativa de reconciliação do homem consigo mesmo (interior) e com o mundo no sentido largo do termo (exterior). Mas, percebe-se que o homem está entrelaçado a realidades paradoxais²⁵ e, por isso, é escravizado pelo *divertissement*. Diante disso, é justo perguntar: qual é a solução para isso tudo? Há uma reconciliação existencial e essencial que o homem tanto busca?

No fragmento 430 Pascal dá algumas dicas sobre as indagações feitas acima: “é em vão, ó homens, que procureis em vós mesmos remédios para vossas misérias. Todas as vossas luzes só podem chegar a conhecer que não é em vós mesmos que descobrireis a verdade e o bem” (PASCAL. 1979, p. 140; Br. 430). É possível que Pascal esteja indicando nesse aforismo uma solução para a péssima e trágica existência humana que talvez aponte para além dela mesma. Proposta reconciliatória para um próximo artigo.

Considerações finais

Pode-se talvez parecer insuportável tais conclusões pessimistas e miseráveis da antropologia de Pascal. Porém, esse resultado pascaliano é fruto da observação empírica da existência humana que traz às claras a utopia de um projeto falido de autores racionalistas e iluministas que apontam e apostam na suficiência humana ôntica para o pensar.

²⁴ Attali utiliza a edição *Lafumá* no qual contém alguns fragmentos que não tem na *Brunschvicg*. Esse fragmento é um exemplo disso.

²⁵ Ponto intermediário entre dois infinitos; grande e miserável ao mesmo tempo; quer ser infeliz, se vê infeliz; busca repouso na agitação; procura a verdade e só encontra a mentira e assim segue...



Não se trata, pelo menos por agora, de apontar aqui saídas e soluções para o diagnóstico trágico da existência humana de Blaise Pascal, mas antes de evidenciar, reafirmar, desvelar sua existência. É que se num primeiro momento devesse se gritar expressões como: “O homem não é o super-homem”, “ele não é capaz de compreender e abarcar toda a natureza”, “ele por si mesmo não se basta”, “o fim de seu existir não está nele mesmo”.

Por tais declarações, a leitura de Pascal sobre homem é extremamente atual. Seu estudo pode ser um bálsamo para a contemporaneidade que ainda carrega sequelas dos sistemas de pensamentos nascidos no início da modernidade que apontam para uma autonomia absoluta, reconciliação ontológica e suficiência existencial. É sabido, como exposto acima, que a raiz da insuficiência humana é sobrenatural/teológica, quem sabe, talvez, se o caminho de reconciliação existencial humano não estará também no campo transcendente/ teologal da realidade da humanidade.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia VI*. 4. ed. Lisboa: Editorial presença, 1992.
- ATTALI, Jacques. *Pascal ou o gênio francês*. Bauru: EDUSC, 2003.
- CALÇADO, Thiago. *O sofrimento como redenção de si, Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*. São Paulo: Paulus, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Consultoria*. In: PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GILBERTE, Pascal. *Vida de Pascal*. In: PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- JANSENIUS, Cornelius. *Discurso da reforma do homem interior*. São Paulo: Filocalia, 2016.
- LEBRUM, Gérard. *Blaise Pascal*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MANTOVINE, Ricardo. *Limites da apologia cristã: a razão à procura de Deus em Blaise Pascal*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Editora Escala, 2013.
- PASCAL, Blaise. *Do Espírito Geométrico*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- _____. *Ouvres complètes*. Paris: Edição Lafuma, 1963.
- _____. *Pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.



PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. *Conhecimento na desgraça: Ensaio de epistemologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2004.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: do humanismo a Kant*. São Paulo: Paulus, 1990

VENTURINI, Andrei. *Amor Próprio e Vazio Infinito: Uma Análise do Homem sem Deus em Blaise Pascal*. Doutorado em filosofia pela Pontifícia universidade Católica de São Paulo, 2011, p. 106.

Disponível

em:

<<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11587/1/Andrei%20Venturini%20Martins.pdf>>>.

Acesso em março de 2017.

Recebido: 05-04-2023

Aceito: 26-06-2023